

19 DEZ 1992

SÉRGIO CABRAL FILHO

A saúde do estado

Um dos exemplos mais dramáticos da crise atual em que vive o Estado do Rio de Janeiro reflete a falta de uma política objetiva no que diz respeito aos problemas públicos. Neste sentido, o Hospital dos Servidores do Estado, outrora motivo de orgulho para o Rio de Janeiro, revela as condições desesperadoras de nossa rede hospitalar.

Até o início da década de 80, o HSE era considerado um dos mais importantes centros hospitalares de toda a América Latina. Chegou a ocupar o lugar de vanguarda em termos de atendimento à população. Médicos, equipes de enfermagem e anestesiistas enchiam os olhos de residentes que disputavam uma vaga no hospital para desenvolver e aperfeiçoar o aprendizado na área.

Hoje, poucas décadas depois, só restam lembranças deste período. O HSE, palco da tragédia da saúde no estado, encontra-se completamente desativado. Visitar suas dependências é um convite à indignação. Nas salas de atendimento às crianças vítimas de câncer, por exemplo, as condições de atendimento são precárias. Segundo o diretor do setor, o mesmo hospital que já atendeu 150 crianças se vê obrigado a atender menos da metade de pacientes por absoluta falta de medicamentos. Uma vergonha e uma desumanidade.

Na área de doenças infecto-

contagiosas, que recebe quantidade de aidéticos maior do que o Gaffrée e Guinle, o estado de conservação das dependências é deprimente. Paredes malconservadas e infiltrações servem de palco para ocorrências lamentáveis como a recente queda de um reboco que vitimou um médico. No CTI e no departamento de tratamento renal, equipamentos obsoletos dividem espaço com máquinas paralisadas, sem qualquer sinal de manutenção. Médicos que servem há mais de 20 anos ao hospital afirmam que ele vive seu pior momento. A internação no HSE, portanto, ao invés de representar a solução dos problemas de seus pacientes, é hoje um sinônimo de sentença de morte.

Para que este quadro seja revertido é preciso que haja uma política mais responsável em relação à saúde. É um absurdo que apenas 2% dos recursos do estado sejam destinados à saúde. O resultado é que, não bastasse a situação descrita, falta comida no HSE para os pacientes. Quando se discute a questão da compra superfaturada de equipamentos, chegamos à triste constatação de que o que existe mesmo é um subsaturamento do tratamento humano.

Como contraponto ao HSE, no entanto, surgem trabalhos que vêm sendo desenvolvidos em outros hospitais do Rio e do Brasil. A Beneficência Portuguesa, exemplo de administração moderna, tem dado mostras alternativas de como o problema da saúde pode ser solucionado em benefício de toda a população.

Com o objetivo de atender não só os conveniados da instituição, um grupo de médicos investiu em consultórios no recém-inaugurado pavilhão de radiologia e neurologia. Esta iniciativa estimula os médicos a se fixarem no hospital, o que melhora sensivelmente a qualidade do atendimento na medida que cria uma relação mais humana entre médicos e comunidade.

Diante de iniciativas como esta, fica mais fácil captar o apoio de empresas privadas, algumas lideradas pela Fundação Roberto Marinho, que doaram equipamentos de última geração, como o aparelho de ressonância magnética, angiografia digital e tomografia para o novo pavilhão da Beneficência. Como ocorre no Incor, em São Paulo, este conjunto de iniciativas dá a exata dimensão do que deve ser um sistema hospitalar eficiente, em que todos os cidadãos, independentemente da condição de classe, são tratados com o mesmo respeito.

Aprisionado em práticas políticas ultrapassadas, o estado não procura soluções rápidas e criativas para as suas carências. Enquanto não for estabelecida uma estratégia abrangente de combate às falhas evidentes da administração pública, os cidadãos continuarão sendo as principais vítimas. A convivência inteligente entre o público e o privado, portanto, parece ser um caminho rápido e seguro. Basta comparar os exemplos.

Sérgio Cabral Filho é líder do PSDB na Assembleia Legislativa.